

ELIZÂNGELA FERREIRA DA SILVA

**O Silêncio dos Surdos: percepção, vivência e trajetos na
cidade de João Pessoa – PB¹**

Elizangela Ferreira da Silva – (UFPB)

Trabalho de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, (PPGA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), desenvolvido no Mestrado de Antropologia.

Resumo:

Este projeto tem por finalidade compreender e analisar, através da percepção de um grupo de Surdos, da Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência (FUNAD), da Cidade de João Pessoa-PB, os aspectos sociais vivenciados e elaborados cotidianamente por esse grupo na cidade de João Pessoa, suas dificuldades de inclusão social, sua construção de identidade da pessoa Surda. Na elaboração desse conhecimento buscaremos compreender, também, a noção do silêncio como categoria antropológica e suas implicações em um universo social que, hipoteticamente,

¹ II ENADIR, GT 06 - Antropologia, direitos coletivos, sociais e culturais.

desconhece o sentido e os significados de sons, ruídos ou barulhos, uma vez que, o silêncio, no universo dos Surdos, é compreendido como ausência total de sons.

INTRODUÇÃO

Em célebre ensaio sobre o silêncio, David Le Breton (1997) nos mostra como, na sociedade contemporânea, o silêncio é cada vez suplantado por uma ideologia da comunicação, da verbosidade das palavras sem sentidos e dos processos ininterruptos do falar. É neste panorama que a modernidade ressoa nos ruídos, no barulho incessante, na afirmativa do discurso que não silencia e, nas palavras do próprio Le Breton (1997, p. 15), nos leva para: “*A dissolução mediática do mundo conduz a um ruído ensurdecedor, a uma equivalência generalizada do banal e do horror que anestesia os sentidos e couraça as sensibilidades*”. É assim que, segundo Le Breton, a falta de silêncio, principalmente impulsionado pelos *meios de comunicação*, ou seja, os meios de comunicação estilhaçam a conversa, o discurso, a voz do outro que busca pensar, medir as palavras ou racionalizá-las na mente que silencia para pronunciar um pensamento coeso e coerente. Os meios de comunicação de massa, desse modo, como nos mostra Le Breton, se tornam inimigo do silêncio e impõe, sem restrições, sua ditadura aos ouvintes que não podem ou não querem, se pronunciar diante das locuções que não dão espaços para replicas.

É desse modo que existe formas de silêncio, de se calar nas horas certas, de não se pronunciar ou às vezes apenas escutar; ao silêncio que incomoda, seja nos regimes autoritários que tolhe a voz de muitos, ou nas incertezas de não saber o que falar diante de um enlutado, por exemplo, ao perceber os diversos processos que envolvem a relação luto, indivíduo e sociedade no Brasil contemporâneo, atravessados por uma sensibilidade onde a discricção das emoções e sentimentos se torna preponderantes.

Assim, o silêncio, enquanto sistema simbólico assume varias formas de interpretação e significados que se ajustam nos processos de interação humana, cuja manifestação, como mostra Le Breton (1997), nos conduz ao imenso mundo de possibilidades sem princípio nem fim.

Diante do que expomos, este trabalho propõe interpretar o silêncio dos que não escutam, isto é, através da vivência de um grupo de Surdos, da cidade de João Pessoa-PB, especificamente da “*Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência*” (FUNAD) procuraremos dar sentido a nossa pesquisa tendo como campo

analítico os significados do silêncio e como os surdos e mudos vivenciam e se projetam na cidade de João Pessoa.

JUSTIFICATIVA

Se uma das características do silêncio é a ausência dos ruídos e do barulho, a peculiaridade da cidade é a ausência de silêncio, nesta afirmativa, como compreender o sentido do silêncio e do barulho através daqueles que não escutam?

A cidade com toda sua complexidade social e suas formas geográficas definidas como espaço territorial, com conflitos e problemas de ordem estrutural, propícia a diversidade e diferença cultural, econômica e social, firmados sobre conceitos que delimitam e distinguem categorias que podem ser analisadas sob um universo empírico e suscetível de análise teórica, desse modo, podemos compreender, através dos sentidos e trajetos percorridos pelos Surdos, sua vivência na cidade, os problemas enfrentados, bem como os inúmeros significados do silêncio, a relevância enquanto apreciação sociológica de um vasto campo de conhecimento dos processos vivenciados no cotidiano e nas formas de interação e sociabilidade dos muitos grupos que fundam a cidade, dando significados como campo de relação e vivência (LEFEBVRE 1998; 2004).

É na percepção de um grupo específico de Surdos da cidade de João Pessoa-PB que buscaremos uma interpretação da e na cidade, as nuances e memórias, bem como os trajetos percorridos e as dificuldades encontradas por aqueles que, talvez nunca tenham experimentado o sentido usual do silêncio, tal como nós ouvintes experimentamos, pois, privados do sentido de escutar, como interpretar a ausência de ruídos, sons, vozes etc. sem ouvir? É desse modo que procuraremos analisar e formular uma imbricação entre vivência grupal, aqui entendido como reciprocidade de indivíduos imersos em um local específico, histórias de vida, memória, dificuldade e trajetos pessoais (cidade de João Pessoa e o grupo de Surdos) e os significados do silêncio enquanto categoria antropológica fundamental para compreensão destas formas de interação entre o sujeito e o espaço da cidade, aqui entendido como campo significativo das ciências humanas e sociais.

OBJETIVOS

Compreender e analisar os significados que os Surdos, da *Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência* (FUNAD), da cidade de João Pessoa-

PB, possuem sobre a cidade, suas dificuldades para se incluir socialmente, trajetos e limites encontrados por eles no que diz respeito à construção de uma identidade, assim como sua vivência na cidade de João Pessoa. No processo de elaboração desse conhecimento também buscaremos entender a noção de silêncio como categoria antropológica fundamental para compreensão dos significados inerentes a pesquisa, ou seja:

1. Vivência dos surdos na cidade de João Pessoa.
2. Trajetos percorridos e identidades construídas.
3. Significados do silêncio na perspectiva dos Surdos.
4. Processos de inclusão social e cultural do Surdo.

PROBLEMATIZAÇÃO

Segundo Moura (2000), os ouvintes, na antiguidade, consideravam que os Surdos não eram seres humanos competentes, uma vez que existia pressuposto de que o pensamento não podia se desenvolver sem a linguagem e que a linguagem não se desenvolvia sem a fala. Assim, a fala, teoricamente, não se desenvolvia sem audição e desse modo, quem não falava, não poderia aprender, receber ensinamento e ser educado. Ainda segundo Moura (2000) Aristóteles considerava que a linguagem era o que dava a condição de humano para o indivíduo. Portanto, sem linguagem, o Surdo era considerado não humano.

Notamos, dessa forma, como os Surdos sofreram e ainda sofrem, no decorrer da história, com os processos de exclusão social e, no sentido atribuído por Goffman (1988), os mecanismos sociais que permitem, legitimamente, a exclusão devido a fatores biológicos que fogem do significado normativo da sociedade, assim, Goffman mostra como a identidade do sujeito pode sofrer preconceitos e estigmas decorrentes de sua formação biológica, cultural, psicológica e social. Negros, deficientes, mulheres entre outros, são caracterizados a partir de uma “identidade deteriorada”, devido às normas de identidades impostas pela sociedade e a cultura.

Na contemporaneidade há projetos e melhoramentos de técnicas de ensino e aprendizado que vai não só desenvolver uma reciprocidade entre alunos deficientes e professores, mas também compreender os limites impostos pela sociedade e as dificuldades encontradas por aqueles que Goffman definiu como estigmatizados. Assim, o Surdo começa a ser compreendido a partir de sua inclusão social como um agente criador e com uma identidade a ser reconhecida, trabalhada e compreendida não através

dos seus limites decorrentes da falta de um sentido (audição), mas como ser humano igual e semelhante aos demais e com limites a serem ultrapassados e dificuldades a serem vencidas.

Compreender os significados dos Surdos sobre suas histórias e sua percepção da cidade de João Pessoa, assim como os aspectos inerentes ao silêncio, principalmente no que diz respeito aos fatores que limitam uma percepção mais aguçada, dentro de uma realidade urbana que dificilmente se silencia, através de inúmeros ruídos, que vai desde barulhos automotivos, até conversas de indivíduos, é perceber, também, simultaneamente, os fatores inerentes as sociedades contemporâneas urbanas que se abastece de vínculos sociais, definidos, aqui, enquanto projeto comum de solidariedades, ações e reações, funções e comportamentos recíprocos entre indivíduos. Há desse modo uma sociabilidade a ser estudada a partir da percepção dos Surdos e suas interações, práticas e vínculos sociais, onde não podemos deixar de lado as perspectivas políticas, sociais e históricas que fundamenta o surgimento de ideologias sobre a constituição do Surdo enquanto sujeito com identidade e história.

Nesta perspectiva nos inquietamos com a questão hipotética de como os Surdos vivenciam além da cidade - aqui entendido como espaço fundamental para constituição de uma história de vida e identidade - os silêncios inerentes, do ponto de vista médico, a ausência total ou parcial da audição, comum em quem é surdo desde nascimento, causado geneticamente, há desse modo uma experiência sobre o silêncio quando não se conhece e não se percebe o som, o ruído, o barulho etc. ou o silêncio enquanto ausência de barulho e de som faz parte da vida do Surdo?

Sabe-se que o ser humano que é totalmente Surdo não escuta, não sente os sons e diferente dos que ouvem, hipoteticamente, vivem o silêncio, mas absorve o mundo ao seu redor através de outros sentidos como a visão, o olfato e até mesmo o paladar, percebendo, introjetando e aprendendo os significados exteriores do mundo que lhe são apresentados (GÓES 1999). Os Surdos também vivem dificuldades de reconhecimento, de identidade e auto-estima em um universo que, dificilmente, se silencia, pois vivemos dentro de uma rotina que os ruídos, sons e barulhos já fazem parte de nossas vidas cotidianas, de nossos hábitos e no mundo dos que escutam o silêncio é quase inexistente.

É desse modo que este trabalho pretende compreender o universo do Surdo através desses silêncios, da ausência total de sons, dos sentidos da linguagem que se fazem não pelas palavras pronunciadas, mas por sinais. Sinais lingüísticos que também

se calam e dão lugar aos movimentos das mãos, as gesticulações dos dedos, a uma comunicação que não necessita de palavras emitidas por sons. Como mostra Gesueli (2006) à linguagem dos sinais é uma das principais identidades dos indivíduos Surdos, permitindo sua comunicação, interação e aprendizado. Neste panorama também buscaremos compreender a cidade de João Pessoa sob a ótica desse grupo, sua vivência e trajetos dentro da cidade, suas dificuldades para se inserirem e serem reconhecidos não como portadores de deficiência, mas como cidadãos.

METODOLOGIA

Diante de vários procedimentos metodológicos que procuram investigar os diversos fenômenos sociais e culturais, mais precisamente as técnicas qualitativas de investigação, antes de tudo, o pesquisador deve ser consciente que toda pesquisa requer muita atenção, humildade, honestidade e rigor teórico-metodológico para com o fenômeno pesquisado. Dessa forma, em um primeiro momento da pesquisa de campo, se buscará uma aproximação com os Surdos da (FUNAD) Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência através de pesquisas participantes, buscando uma comunicação efetiva através da linguagem de sinais.

Por pesquisa participante, segundo autores como Velho (1997) e Borda (1981), significa um tipo de ação onde o pesquisador deve desenvolver um senso crítico em relação a sua pesquisa, bem como seu olhar e sua vivência pessoal enquanto agente social, buscando uma aproximação e compreensão das particularidades dos indivíduos que, inseridos em uma determinada realidade social, compõe a referência fundamental do trabalho em desenvolvimento. A pesquisa participante, dessa forma, pode ser compreendida como uma ação voltada para o entendimento dos aspectos e fenômenos individuais e sociais de uma coletividade, seus questionamentos, suas histórias, anseios e projetos, articulados sob a vivência cotidiana e histórica do pesquisador e dos vários atores sociais.

O método etnográfico também servirá para fortificar uma densa descrição das práticas cotidianas elaboradas diariamente pelos diversos atores sociais, neste caso grupo de Surdos da FUNAD. Por método etnográfico compreendemos através da abordagem feita por Malinowski (1976) como a técnica de observação que procura descrever minuciosamente não só os fenômenos pesquisados, mas também expor os procedimentos analíticos que servirá para análise do campo pesquisado, bem como a

vivência do pesquisador e suas preferências teóricas na elaboração do trabalho científico, mostrando com clareza e honestidade os resultados empíricos e descritivos.

Através de entrevistas também buscaremos uma história oral destes atores em relação à cidade de João Pessoa, o que caracteriza uma história coletiva, apoiada nas memórias e na elaboração e organização do espaço compartilhado, corroborando a vivência destes agentes em um tempo e espaço específico.

RESULTADOS

Este trabalho faz parte de um projeto que desenvolvo no Mestrado do PPGA/UFPB, indica resultados parciais, pois estou no início do processo teórico-metodológico da pesquisa-campo e no processo de interação com o grupo de surdos da FUNAD. Neste momento o domínio da língua de sinais é fundamental para promover o diálogo com o grupo e participar de suas atividades cotidianas.

CONCLUSÕES ANALÍTICAS

Neste momento inicial da pesquisa pude constatar a formação de circuitos fixos de lazer entre o grupo de surdos da FUNAD, que se reúne para discutir assuntos não compreendidos na sua totalidade durante a semana, veiculados na mídia, nas escolas ou na FUNAD. É perceptível a necessidade de comunicação do grupo de surdos com pessoas ouvintes, uma vez que se dedicam a ensinar LIBRAS para aqueles que desejam aprender com eles a Língua dos Sinais, afinal será mais uma pessoa no seu ciclo de amizades. Percebi também algumas categorias formuladas pelo grupo que hierarquiza algumas posições: surdo oralizado e não oralizado, escolarizado primariamente ou graduado, leitor labial, profissionalizado, mutilado... Categorias que distingue no grupo um surdo em relação ao outro e lhe confere certo status. Questões de inclusão social e o uso de um intérprete em sala de aula também são discutidas entre eles, nem sempre de forma favorável, pois apontam inúmeras deficiências neste procedimento. Estas são algumas das conclusões a que cheguei com os primeiros contatos com o grupo de surdos da FUNAD, são questões preliminares que serão aprofundadas no decorrer deste trabalho e com a continuidade deste convívio.

REFERÊNCIAS

- BORDA**, Orlando Fals. (1981). “Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular”. In, Brandão (org). *Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense.
- GESUELE**, Zilda Maria. (2006). “Lingua(gem) e identidade: a surdez em questão”. In, *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 27, n. 94, p. 277-292, jan./abr.
- GOFFMAN**, Erving. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, Rio de Janeiro, Guanabara.
- GÓES**, Maria Cecília Rafael de. (1999). *Linguagem, Surdez e Educação*. São Paulo, editora autores associados.
- LE BRETON**, David. (1997). *Do silêncio*. Lisboa, Instituto Piaget,
- MALINOWSKI**, Bronislaw. (1976). Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo, Abril Cultural. p. 20-38.
- MOURA**, Maria Cecília de. (2000). *O Surdo: caminho para uma nova identidade*. Rio de Janeiro, Revinter.
- VELHO**, Gilberto. (1997). *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar.